RELATO DE PESQUISA OU EXPERIÊNCIA
https://doi.org/10.37388/CP2026/v36n40a10

DO ACOLHIMENTO AOS MIGRANTES E/OU REFUGIADOS À ATENÇÃO AOS CUIDADORES

Maria Cristina Petry Barros Martinha[1]
Departamento de Psicanálise – Instituto Sedes Sapientiae

RESUMO

Este artigo aborda diversas intervenções de um grupo de profissionais membros de vários departamentos do Instituto Sedes Sapientiae e do NAS, direcionadas ao acolhimento, à autoestima e à cidadania de migrantes e/ou refugiados, além da saúde mental dos cuidadores. Utilizaram-se intervenções grupais focadas em intercâmbios interculturais, rodas de conversa e dinâmicas de grupo fundamentadas na teoria psicanalítica freudiana e contemporânea. Os resultados indicaram que as práticas grupais potencializaram a expressão criativa dos participantes e melhoraram as condições psíquicas tanto dos migrantes e/ou refugiados quanto dos profissionais responsáveis pelo acolhimento. Conclui-se que a técnica grupal de base analítica é eficaz para o fortalecimento institucional e o suporte psicossocial em contextos migratórios.
Palavras-chave: migrantes, refugiados, acolhimento.

[1] Psicóloga Clínica, Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Atua no Conselho de Direção e na Comissão de Reparação e Ações Afirmativas desse Departamento. Colaboradora do Centro de Assistência e Desenvolvimento Social do Instituto Sedes. Atuou na Clínica Psicológica desse mesmo Instituto. Supervisora do Projeto Escuta CRUSP. Coautora em "O visível e o inaudível nas famílias de crianças e adolescentes em acolhimento institucional" no livro "Reflexões clínicas no contexto do acolhimento" - Série Prática Clínica (Zagodoni, 2020). Atende em consultório particular. Tel.: 55(11)99940-4629. E-mail: psicristinapetry@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/ 0009-0009-2505-7605

Recebimento: 10/04/2026
Aceite: 19/06/2026

Financiamento: Próprio.

Conflito de interesses: A autora declara não haver conflito de interesses.

Declaração de disponibilidade de dados: Sem relato de uso de dados; nenhum dado de pesquisa foi gerado ou utilizado.

Contribuição autoral: Todos os autores declaram ter contribuído igualmente na produção do artigo.

Autor de correspondência: Maria Cristina Petry Barros Martinha - *E-mail:* psicristinapetry@gmail.com.

Como citar (APA 7ª ed.):Martinha, C.P.B. Do acolhimento aos migrantes e/ou refugiados à atenção aos cuidadores, 36(40), e10. https://doi.org/10.37388/CP2026/v36n40a10.

Editora responsável: Marlene Coelho Alexandroff

FROM WELCOMING MIGRANTS AND/OR
REFUGEES TO ATTENTION TO CAREGIVERS

ABSTRACT

This article addresses several interventions by a group of professionals from various departments of the Sedes Sapientiae Institute and NAS, aimed at the reception, self-esteem, and citizenship of migrants and/or refugees, as well as the mental health of caregivers. Group interventions focused on intercultural exchanges, conversation circles, and group dynamics based on Freudian and contemporary psychoanalytic theory were used. The results indicated that group practices enhanced the creative expression of the participants and improved the psychological well-being of both migrans and/or refugees, as well as the professionals responsible for their reception. It is concluded that the analytically based group technique is effective for institutional strengthening and psychosocial support in migratory contexts.
Keywords: migrants, refugees, welcoming.

Introdução

Este artigo aborda as diversas intervenções psicossociais e políticas conduzidas por um grupo de profissionais membros de vários departamentos do Instituto Sedes Sapientiae (Sedes) e do Centro de Assistência e Desenvolvimento Social (NAS) desse mesmo Instituto. Trata-se de iniciativas direcionadas ao acolhimento, ao resgate da autoestima e à promoção da cidadania da população migrante e/ou refugiada, além do suporte à saúde mental dos profissionais da linha de frente.

Destacamos a utilização de intervenções grupais – por meio de intercâmbios interculturais, rodas de conversa e dinâmicas de grupo –, fundamentadas na teoria psicanalítica freudiana e contemporânea. O objetivo é promover a melhoria das condições psíquicas das pessoas migrantes e/ou refugiados, bem como a saúde mental dos responsáveis pelo acolhimento institucional.

As ações desenvolvidas se deram exclusivamente em grupos, onde se reuniam pessoas de origens, etnias, países ou realidades sociais diferentes, a fim de compartilharem suas vivências e aprenderem umas com as outras. As rodas de conversa e as dinâmicas de grupo foram as primeiras escolhas, por serem métodos práticos utilizados para que os encontros acontecessem de forma horizontal e participativa, onde todos têm direito à fala em círculo, e por meio de atividades que estimulam a comunicação e a integração.

As profissionais que coordenaram os grupos, sobretudo as do Projeto Farol – que veremos adiante –, possuem como base formativa os conceitos da psicanálise clássica freudiana, o que, na prática, significa que estivemos atentas ao não dito explicitamente (o inconsciente), aos silêncios, aos sentimentos reprimidos e à forma como o passado de cada um influenciava o comportamento. A condução do nosso manejo coletivo teve ainda a fundamentação de autores como Pichon-Rivière e Kaës, referências para análise do vínculo, dos grupos operativos e das alianças inconscientes em instituições e grupos.

É fato que, conhecer e respeitar a cultura e o contexto de vida de pessoas em situação de migração e/ou de refúgio é um dos aspectos essenciais para atender melhor essa população. No entanto, não podemos prescindir da teoria que nos orienta em nossos procedimentos. Neste sentido, o estudo dos conceitos e da metapsicologia freudiana é fundamental para uma concepção da constituição do sujeito e os modos como as forças externas influenciam a subjetividade.

Freud, (1939/1975), em seu livro *Moisés e o Monoteísmo*, comenta a respeito das referências que envolvem a constituição de um personagem histórico, ou mito, e que observamos em cada migrante, estrangeiro, aquele que chega e que nos coloca em cheque, ou choque, por sua diferença escancarada seja de língua, raça, cor, religião, posicionamento político, enfim, de toda a cultura que carrega impregnada no seu ser. A origem do nome próprio (o pessoal e o herdado da família), a questão da nacionalidade, a história do seu nascimento e vida primitiva, o romance familiar de uma criança, a religião, sua sobrevivência perante forças externas adversas, questões de abandono e de desamparo são elementos que constituem, marcam e se repetem sobremaneira nas pessoas em processo migratório.

O desejo de preservar a língua materna, somado ao esforço de compreender e ser compreendido pelo outro, pode intensificar o sentimento de não pertencimento. Esse processo ocorre em meio à necessidade de adequação ao estranhamento cultural, à vulnerabilidade psíquica em novos ambientes e ao enfrentamento da exclusão, da segregação social e da xenofobia. O efeito desses fatores na subjetividade vai depender da estruturação e dos efeitos de dessubjetivação a que foi submetido. O que se percebe frequentemente é o surgimento da angústia que sinaliza um sofrimento subjacente ainda maior.

Para explicar o que ocorre quando da dificuldade de se expressar numa língua estrangeira, Mallard et al. (2015) recorrem às contribuições de Kaës (1998):

> Quando se fala uma língua que não é a materna, com frequência existe um distanciamento, uma *déconnexion* [desconexão] [...] de si mesmo e uma diminuição do grau de intimidade entre palavras e coisas, conflitos e suas expressões e representações; é difícil expressar seu sofrimento numa língua que não se domina. Segundo Kaës, no encontro intercultural existe um papel importante do pré-consciente em relação à língua estrangeira. Na encenação da representação da palavra, isto é, na tentativa de fala, de transmissão, quando um não entende a língua do outro, o que acontece é um fracasso momentâneo da atividade do pré-consciente. A finalidade desse é criar uma interpretação do externo para interno, para que aconteçam as representações inconscientes. A expressão e descargas de afeto em palavras encontram-se prejudicadas quando não se domina uma língua, o que gera angústia. (Mallard et al., 2015, pp. 127-128).

O sujeito sem lugar, nem aqui, nem ali, para sempre estrangeiro, ainda que retorne à sua própria pátria, passará a ser visto como aquele que deixou de ser um vivente local. Emparan (2025), em seu livro *A Clínica Psicanalítica com Migrantes e o Sujeito Partido*, traz essa questão do sujeito partido como aquele que partiu de sua terra natal e que endereça a um analista o sofrimento de experimentar-se nem cá, nem lá.

Mètraux (2011, como citado em Mallard, 2015) conceitua a experiência migratória como luto identitário:

> Na condição de estrangeiridade, parte da própria identidade é perdida, uma perda que introduz o sujeito em uma espécie de luto diante do qual ele não será mais o mesmo. Com o retorno às origens, o lugar e o olhar não são mais o que eram, pois a perda é irreversível. A experiência pode ser nomeada de luto identitário e diz da possibilidade do sujeito ressignificar seu lugar no mundo. Ora, o processo de luto não se resume a uma aceitação, menos ainda a um percurso sinalizado para a ressignificação. (Mallard, 2015, p. 127).

Entre autores que defendem os dispositivos grupais como método de interação psicossocial tomamos como referência Pichon-Rivière (2009), e o seu conceito de grupos operativos. O método define o grupo como um agente de transformação social e terapêutica focado na tarefa. A interação coletiva em busca de um objetivo comum favorece a superação de resistências e o desenvolvimento da consciência crítica. Originária da psicanálise e da dinâmica de grupo, a proposta permite aplicações em diferentes contextos, sejam clínicos, educacionais ou institucionais.

Também a conceituação de Kaës (2011), nos serve de referência na análise de grupos, com foco nos efeitos da influência de alianças inconscientes e pactos silenciosos estabelecidos entre seus componentes. O autor usa o referencial psicanalítico para se referir ao sujeito do inconsciente, que não existiria isolado, vez que somos constituídos por vozes, histórias e heranças de grupos: família, cultura, instituições. Afirma que o sujeito é singular em sua existência, mas sua estrutura psíquica é plural. Portanto, ao conceber um aparelho psíquico grupal, construção nova que coloca a psicanálise à prova para aplicá-la aos grupos, permite processar conteúdos inconscientes coletivos, através da livre associação da palavra circulante no grupo. Segundo ele, para curar ou entender o sujeito, é preciso entender o grupo que o habita.

Gebrim (2020), colega psicanalista e pesquisadora com quem tivemos o prazer de contar como uma das coordenadoras do projeto Farol*,* a partir de sua experiência clínica com a população de migrantes e refugiados em contextos extremos, desenvolve em seu livro *Psicanálise no Front*, questões que nos ajudam na compreensão do tema da imigração sob a perspectiva psicanalítica e sua teoria sobre o sujeito e a dimensão sociológica dos atravessamentos político sociais. Questiona a posição do analista nesses contextos, visando os atravessamentos e vicissitudes políticas do sofrimento e escuta.

Durante o seu trabalho de intervenção no seio da equipe de Saúde Mental do Centro de Referência para Refugiados da Cáritas, anterior à proposta da equipe Farol, busca por dispositivos de intervenção que possam dar destino à angústia.

> [...] tratava-se de uma instituição em que as pessoas se dirigiam para demandar, no modo de urgência, coisas necessárias à sobrevivência: encaminhamentos para moradia, alimentação, assistência jurídica, auxílio financeiro, etc. Nesse sentido, dois elementos eram permanentes na circulação dos espaços da instituição; o lugar da vítima e o tempo da urgência. (Gebrim, 2020, p. 84).

Propõe uma escuta que permita se afetar e acolher o trauma, sem, contudo, deixar-se fascinar pelo horror materializado na vítima. O objetivo é evitar a redução do sujeito migrante a um mártir da história, reconhecendo-o, em vez disso, como alguém que sustenta modos de resistência e que insiste na afirmação do seu próprio desejo. Recomenda uma intervenção clínica que possa colocar em relevo a sutileza do seguinte aspecto:

> [...] ainda que as dinâmicas da lógica humanitária regidas por um ethos compassional venham corroborar, em alguma medida, com um lugar de redução do sujeito à condição de necessidade – e portanto cristalizado na posição de vítima e reduzido nas possibilidades de significar a sua experiência – igualmente, essas mesmas dinâmicas podem vir a se tornar também instrumentos e modos pelos quais os sujeitos façam valer a reivindicação de direitos, justiça, assim como uma posição desejante no laço e em terra de exílio. (Gebrim, 2020, p. 85).

A compreensão dos processos de subjetivação e dessubjetivação da pessoa em processo migratório é fator determinante para elaboração de projetos voltados a uma recepção humanizada. Isso promove um acolhimento com escuta sensível e qualificada possibilitando a oferta de encaminhamentos em acordo com as necessidades de cada membro dessa população, frequentemente vista como um bloco de pessoas inconvenientes, perdidas e desnorteadas. O desenvolvi-

mento de ações criativas corrobora para que haja um menor prejuízo em termos de sofrimento psíquico e auxilia na permanência dessa gente no local de chegada.

O contexto migratório no Brasil atual é marcado pelo recebimento de mais de 1,7 milhão de migrantes, entre residentes permanentes, temporários e fronteiriços. Além disso, conforme dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP, 2024), entre 2010 e 2024, o país reconheceu 146.109 pessoas como refugiadas e recebeu 450.752 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado, resultando num fluxo migratório de cerca de 2,3 milhões de pessoas.

Vários países vêm se deparando com o aumento da mobilidade humana. No Brasil, a maior penetração de imigrantes são de venezuelanos, haitianos e bolivianos, geralmente motivados por questões religiosas, políticas ou por violações de direitos humanos. Neste contexto, também os sírios encontram no Brasil um lugar de refúgio para viver.

Segundo Silva et al. (2021), a atenção à saúde é uma das principais demandas dos imigrantes sírios no Brasil, com as mulheres buscando principalmente atendimento obstétrico. Conforme relatos, a religião tem influência nas escolhas obstétricas e, embora a assistência seja avaliada como satisfatória, o desconhecimento cultural e a barreira de comunicação são os principais desafios enfrentados.

Esse aumento de deslocamentos para o nosso país, tido como acolhedor que garante direitos sociais como saúde e educação à população de migrantes e refugiados, trouxe um grande desafio para a oferta de políticas públicas adequadas às especificidades dos diversos grupos. O Sistema Único de Assistência Social (SUAS), criado em 2005 e instituído e consolidado pela Lei nº 12.435/2011, presente em todo o território brasileiro, conta com uma rede de unidades públicas e também com entidades de assistência social que realizam atendimentos através de um conjunto de serviços para pessoas ou grupos em situação de vulnerabilidade, com direitos violados ou em risco a fim de garantir proteção, direitos e acolhimento. Esse sistema promove o acesso a benefícios, programas, projetos e serviços socioassistenciais de proteção básica e especial. (Ministério do Desenvolvimento Social [MDS], s.d.).

Nesse sentido, a Lei de Migração (Lei nº13.445/2017) – que assegura direitos, combate à discriminação institucional e social, além de substituir o antigo Estatuto do Estrangeiro – adotou uma perspectiva de direitos humanos, garantindo sua igualdade, não discriminação e acolhimento. É importante reconhecer e atestar que pessoas em situação de migração são sujeitos de direitos, com direitos sociais e proteções asseguradas tanto no ordenamento jurídico brasileiro quanto no plano internacional. Mais do que um deslocamento geográfico, a migração é uma busca por dignidade e sobrevivência.

Vale lembrar da Lei do Refúgio no Brasil (Lei nº 9.474/1997) – que define os mecanismos para implementar o Estatuto dos Refugiados da Organização das Nações Unidas/ONU. Este estatuto afirma que refúgio é um direito oferecido no Brasil a todos os estrangeiros que não possam ou não queiram retornar ao seu país de origem, por perseguições de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, além daqueles que estejam sujeitos a graves violações de direitos humanos fundamentais tais como saúde, educação, liberdade, segurança, entre outros.

Diante do exposto, cabe ao Serviço Social exercer papel central na garantia de direitos, na articulação da rede intersetorial e em intervenções de inclusão social. Tal atuação visa combater a discriminação, a xenofobia e o racismo estrutural no acolhimento de populações migrantes, vulnerabilizadas pela aporofobia e por marcadores de raça, cor ou etnia, em consonância com a pesquisa *Opiniões sobre Migrações* (Datafolha & Conectas Direitos Humanos, 2023).

A contar de alguns estudos e pesquisas a respeito da complexidade do movimento migratório no Brasil e na tentativa de uma maior compreensão das vicissitudes enfrentadas, almejamos desenvolver uma visão crítica mais apurada sobre as políticas de acolhimento e encaminhamentos oferecidos a esses sujeitos, a fim de podermos interferir com responsabilidade e ética na realidade tal qual ela se apresenta.

Para além de ações diretas junto à população migrante, existe a necessidade de dirigirmos também um olhar para com a promoção da saúde mental das pessoas que estão no front recebendo incessantemente as demandas dessa população vulnerável.

É com essa perspectiva que a área de migrantes e refugiados do NAS/Sedes desenvolveu alguns projetos entre 2018 a 2023 voltados para essa população. Cabe salientar que o NAS foi criado em 2016 com o objetivo de desenvolver ações de promoção de saúde e cidadania, de enfrentamento de situações de vulnerabilidade social e de desenvolvimento de capacidades e potencialidades.

ATIVIDADES E PROJETOS DESENVOLVIDOS AO LONGO DOS ANOS

Missão Paz

Acolhimento aos Imigrantes e Refugiados – junto ao padre Paolo Parise, coordenador da Missão Paz, uma das entidades filantrópicas mais antigas voltadas para o apoio e acolhimento a imigrantes, refugiados e apátridas[1] na cidade de São Paulo, onde, desde 1930, desenvolvem várias atividades e serviços para a inserção dessas pessoas à sociedade. É visado o acolhimento institucional, a defesa e efetivação dos direitos socioassistenciais, promoção da cidadania e enfrentamento das desigualdades sociais através de encaminhamentos para retirada ou regularização de documentos, inserção no mercado de trabalho, orientação para cuidados em saúde, aulas de português para os estrangeiros, dentre outras atividades transversais.

Em 2018, o Departamento de Psicopedagogia do Sedes fez contatos com a Missão Paz e passou a realizar serviço voluntário de capacitação e encontros internos para conhecer melhor a população migrante e suas demandas. A partir daí, promoveu reuniões com a equipe do Projeto Ponte e demais profissionais do Instituto interessados em desenvolver propostas para projetos a serem implantados no ano seguinte.

Dentre os projetos, um dos objetivos voltados para a Missão Paz, era o da escuta dos funcionários, em encontros mensais de uma hora e meia, junto à uma dupla de mediadores, com a finalidade de construírem em grupo a/as demanda/as coletiva/as da Instituição, de modo a dar suporte para sua atuação junto às pessoas em situação de migração. Propiciar aos profissionais da instituição, um espaço que contenha, trabalhe e elabore as angústias inerentes à função.

Pensou-se para o espaço do NAS, um Grupo de Oficina com Crianças e Adolescentes tendo como eixo a temática da migração, o pertencimento na escola e seus efeitos na aprendizagem e no laço social, objetivando a troca de experiências, o resgate da cultura de origem e a interlocução com a cultura de destino – Brasil. Os meios a serem utilizados para essa tarefa se dariam através de

[1] Apátridas - de acordo com o ACNUR (2024), são aqueles que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum Estado e acabam sendo privados de direitos como cidadãos tais como: educação, saúde, moradia e trabalho.

atividades lúdicas, brinquedos, jogos, material de sucata, material gráfico, contação de histórias, oficinas de culinária, horta e reciclagem.

Assim foi registrado e disponibilizado esse projeto de atendimento à essa população específica de crianças e adolescentes imigrantes, de 03 a 18 anos, divididos em 3 grupos nas seguintes faixas etárias: 03 a 06 anos, 07 a 12 anos e 13 a 18 anos, com frequência semanal de 1 hora e meia, pelo prazo de 1 (um) ano. Inicialmente deveria se dar a recepção com os pais – entrevistas individuais ou em grupos – para entendimento da demanda e apresentação da proposta de trabalho, que teriam atividades grupais adequadas à faixa etária, mediadas por duplas de profissionais. No entanto, esse projeto não chegou a ser efetivado na ocasião pois dependia de algumas articulações com as escolas e com os pais dos envolvidos para o efetivo encaminhamento ao NAS/Sedes, o que se tornou inviável tão logo se deu o advento da pandemia.

Na época da inauguração da Casinha do NAS – como ficou conhecido o local –, em junho de 2019, próximo ao Dia Mundial do Refugiado, comemorado em 20 de junho, promovemos ações para o favorecimento de uma interculturalidade onde a diversidade, desde por definição, fosse valorizada e respeitada. Fizemos convites para que essas pessoas em situação de migração e/ou refúgio viessem a partilhar da própria cultura na sede do NAS/Sedes, o que veio a acontecer com uma com certa frequência.

Desde o começo dos trabalhos até o início da pandemia do coronavírus (covid-19), quando decretada a quarentena no país, desenvolvemos junto com alguns migrantes, no próprio local do NAS, eventos cultural, rodas de conversas com temas pertinentes à experiência de migração, oficinas de artes, danças e culinária - onde a cada mês se promoveria uma apresentação de comidas típicas do país de origem de cada convidado estrangeiro, oferecendo aos frequentadores do Sedes a oportunidade de experimentarem as iguarias de diferentes países. Convocamos ainda, pessoas migrantes que pudessem oferecer aulas de língua estrangeira, nesse mesmo espaço. Estava prevista nessas propostas a possibilidade de contribuição financeira no intuito de colaborar com a dignificação do trabalho profissional do sujeito migrante.

Produzimos assim, em 2019, junto a esse público-alvo de migrantes e/ou refugiados, uma Oficina Gastronômica Cultural, envolvendo 10 adultos, no intuito de corroborar com a dignificação do trabalho profissional da pessoa migrante, atividades de Arteterapia, que lida com outras formas de expressão para além da linguagem verbal, e a apresentação de proposta da equipe denominada Farol. Esta equipe promoveu inicialmente 8 encontros multidisciplinares para estruturação do seu plano de ação, que veio a ser executado até o ano de 2023. Essa iniciativa incluiu o uso de ferramentas on-line durante a pandemia, abrangendo grupos de trabalho, estudos, escuta e intervenção no contexto migratório e de refúgio na cidade de São Paulo.

No início de março de 2020, surgiu ainda, a proposta de um curso de Línguas e Culturas Internacionais a ser dado por uma profissional do Departamento de Psicopedagogia, responsável pelo projeto, e uma equipe de 4 professores nativos. Inicialmente, o curso se deu na forma presencial nas dependências do NAS e com a chegada da pandemia seguiu pelo sistema remoto. Devido à baixa adesão para outros idiomas, o foco foi no ensino de espanhol. Tinha como público-alvo a população que desejava ter acesso a um novo idioma, com a possibilidade de ser trabalhado aspectos culturais com os professores nativos. Foram atendidas 2 pessoas adultas durante 8 encontros semanais.

Constatamos, dentre as diversas atividades desenvolvidas no NAS, que a participação em grupos de acolhimento e de tarefas possibilitou à população de migrantes e/ou refugiados

uma maior identificação com o entorno cultural e social do lugar/país no qual que vieram a se estabelecer. As rodas de conversa favorecem a integração social, as trocas de experiências, os conhecimentos interculturais e o lazer; paralelamente, os participantes encontram nesses espaços ajuda para lidar com as dificuldades emocionais, sociais e políticas provenientes de entraves constatados desde as questões essenciais de inserção laboral, de morada e de sustento.

Projeto Farol

A ideia de uma luz no horizonte a iluminar o caminho das pessoas em situação de migração e/ou de refúgio, uma direção a seguir também para aqueles que lidam com essa população na árdua tarefa do acolhimento de demandas tão urgentes, foi o que nos inspirou e nos moveu a desenvolver alguns outros trabalhos nesse sentido.

A proposta inicial surgiu no Departamento de Formação em Psicanálise em agosto de 2019 e teve início no NAS*,* para compor com os demais projetos da área, em 23 de outubro do mesmo ano. Consta como principal objetivo o de promover escuta e intervenção junto à grupos de pessoas migrantes e instituições de acolhimento, com reuniões de frequência semanal de 2 horas de duração, passando posteriormente à 1 hora e meia, quando no modo on-line durante o período pandêmico.

A equipe se constituiu com 15 profissionais da saúde mental, membros de departamentos do Sedes, com diversas linhas de formação teórica, que conjugaram pensamentos e ações em propostas de trabalhos. Focamos em capacitação, rodas de conversa, escuta, intervenção institucional e constituição de rede. Intentamos, ainda, um trabalho voltado para o resgate de identidade, da formação de uma consciência política e ao sentimento de pertença e cidadania, aspectos importantes do contexto migratório.

Aconteceram rodas de conversas com palestrantes convidados, dentre os quais Jobana Moya, militante da Equipe de Base Warmis Convergência de Culturas; os palestinos Hasan Zarif e Rawa Al Sagheer; Luciana Carvalho, psiquiatra no Hospital de Clínicas – FMUSP. Os depoimentos tiveram em comum a evidência de situações de desrespeito à cultura estrangeira. Essa foi uma forma, dentre outras, de haver uma aproximação efetiva para com as questões que envolvem essa população e de fazermos um levantamento mais próximo da realidade cotidiana.

Além das rodas de conversa, ocorreram diversas leituras e indicações de textos sobre visões antropológicas e clínico-políticas com imigrantes. Inicialmente abordamos autores como Agier (2015), Rosa et al. (2018) e Gebrim (2020).

Procurava-se dessa maneira, compreender melhor sobre os conceitos de estrangeiridade: o estranho, o estranhamento do imigrante, a sua subjetividade, os efeitos das rupturas em relação às narrativas de uma história, a impossibilidade de retorno ao seu local de origem, a segregação, as marcas de um existir vulnerável, o preconceito, a exclusão e a política. Isso, em meio a outros temas inerentes à essa condição de estrangeiro, pessoa discriminada, marginalizada, invisibilizada, excluída da sociedade. Vivência migratória que expõe o sujeito a tensões simbólicas relacionadas com a linguagem, identidade e cultura.

Ao visar um trabalho que possa ser de acolhimento e integração social com essa população, torna-se muito importante destacar a necessidade em compreender a cultura e o contexto de

vida que fazem com que os imigrantes deixem o seu país de origem, e constatar as maiores dificuldades encontradas no país em que chegam.

Realizado um levantamento de propostas de ações, a equipe desenvolveu estratégias para um possível trabalho em campo com os refugiados. No entanto, tão logo ocorreu a chegada da pandemia da covid-19, não foi possível dar continuidade a esse serviço, pela especificidade do projeto em envolver encontros presenciais.

Em paralelo, havia um interesse voltado para as questões dos trabalhadores – que atendiam diretamente a população de migrantes e/ou refugiados – com objetivo de posterior desenvolvimento de ações destinadas a cuidar de quem cuida.

Foi quando, no início de 2020, chegou uma solicitação de uma renomada instituição de acolhimento às pessoas migrantes e/ou refugiados dirigida ao Farol, para uma ajuda na compreensão de uma certa dinâmica conflituosa estabelecida entre trabalhadores. Dessa maneira, tornou-se possível reconhecer a importância e a real necessidade de se dirigir um olhar inclusivo para com a promoção da saúde mental das pessoas que estão na linha de frente, recebendo as incessantes e urgentes demandas dessa população em situação de vulnerabilidade.

Em sequência, no ano seguinte, a equipe estruturou todas as etapas para a apresentação do evento 10 anos da Revolução Síria: um debate sobre a clínica e a política das migrações, anunciado para a data de 16/04/2021, a ser apresentado no Sedes. A proposta visava os efeitos da revolução Síria no mundo, a situação dos sírios e seus deslocamentos, e no âmbito clínico, a questão do orientalismo na escuta/não escuta dos analistas. Esse evento foi cancelado em 28 de abril por questões políticas e consequente impossibilidade de participação da palestrante, a socióloga Sara Ajlyakin, vez que foi decretado lockdown total na Turquia, país em que estava recém estabelecida e na urgência de tomar uma série de providências.

Em outubro de 2021, os autores integraram uma apresentação em vídeo, pré-gravada, referente aos relatos dos projetos realizados. Essa atividade foi seguida de uma roda de conversa on-line entre os diversos setores do NAS, organizações não governamentais (ONGs) e demais instituições parceiras, com o objetivo de divulgar as ações institucionais e evidenciar o direcionamento das cestas básicas arrecadadas em um amplo projeto político social desenvolvido no NAS/Sedes.

Nos anos posteriores, o estudo do tema da imigração ganhou maior profundidade por meio da continuidade de leituras e elaborações, além de estabelecermos novas parcerias e propostas de intervenção. Atemos assim, durante o período pandêmico, às seguintes instituições:

Farol na Cáritas

Atendendo a um pedido do coordenador e dos funcionários do Centro de Referência para Refugiados da Cáritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP), iniciamos, em fevereiro de 2020, a elaboração de uma atividade a ser desenvolvida com o objetivo de promover uma intervenção para solução de conflitos no ambiente de trabalho.

Trata-se de uma instituição conhecida como referência no atendimento à população refugiada, migrante e apátrida, que tem parceria firmada com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Atua de forma transversal e integrada, desenvolvendo trabalhos de atendimentos presenciais como também através do on-line nos tempos pandêmicos.

A sugestão de escutar inicialmente os funcionários, tinha por bem entender a demanda coletiva da instituição e na sequência, o desenvolvimento de uma proposta de reuniões conjuntas onde a palavra pudesse circular de maneira livre, horizontal e onde as diferenças e as angústias pudessem ser explicitadas.

A ideia de um espaço de fala e escuta atenta para a equipe de funcionários e coordenação da CASP tinha a ver com que pudessem lidar com a sensação de angústia inerente ao próprio tipo de trabalho de acolhimento e encaminhamento dos sujeitos imigrantes e/ou refugiados, sobretudo quando da necessidade de adaptação ao contexto pandêmico com atividades remotas, e que saíssem de posições mais solitárias, nas quais pareciam estar fixados, e se constituíssem enquanto um grupo de trabalho mais harmônico e colaborativo, com melhoria na qualidade da comunicação, podendo dar suporte tanto no desenvolvimento do trabalho interno da instituição como nos serviços voltados para as demandas externas.

Demos início a essas atividades de intervenção institucional no dia 27 de março de 2020. Os encontros programados com uma média de 25 pessoas heterogêneas, incluíram as tarefas de acolhimento, análise institucional e dinâmica de grupo, tendo periodicidade semanal de 90 minutos de duração, no modo on-line, por um período de um ano divididos em duas etapas. Foi preciso incluir, a pedidos, um espaço institucional de escuta individual, sobretudo aos voluntários do serviço, nos casos de conflitos intrapsíquicos para identificação da necessidade de atendimento na Clínica Psicológica ou algum outro encaminhamento específico.

O que se percebeu no interior do Farol entre a equipe de apoio e intervisão e a equipe de escuta dos membros facilitadores nos atendimentos, ao final de um determinado período de 32 encontros na instituição demandante e 48 reuniões da equipe entre 2020 e 2021, é que de um mero conjunto de trabalhadores independentes de uma mesma instituição, se constituiu um grupo com identidade própria, mais colaborativo e disponível para lidar conjuntamente com as dificuldades inerentes ao serviço desenvolvido. Houve melhoria nas relações interpessoais e abertura de maior diálogo com a coordenação. A auto responsabilização que esgotava o grupo passou a ser redirecionada para a percepção de que “as dificuldades diziam respeito à equipe”; a lógica do sacrifício foi percebida como uma forma de coesão e infantilização da equipe; foi criado um movimento/identidade de grupo onde passaram a se reconhecer enquanto funcionários e classe trabalhadora.

Farol no Galpão

Em maio de 2021, através da sugestão de uma outra colega do Departamento de Psicopedagogia que realizava um serviço voluntário no Galpão ZL, entramos em contato com as coordenadoras do local e com a aprovação delas, após algumas reuniões on-line, apresentamos disponibilidade para um trabalho com os migrantes haitianos, venezuelanos e também bolivianos que frequentavam aquele espaço e que faziam aulas de português, o que teoricamente deveria facilitar a comunicação.

O Galpão ZL, localizado entre vilas e comunidades locais, em São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo, é uma iniciativa da Fundação Tide Setúbal, em parceria com a Sociedade Amigos do Jardim Lapena. Em meio às suas atividades, a Fundação destaca o atendimento às necessidades sociais locais, ponto este em que a nossa proposta de desenvolvimento de um campo de ação específico, com as pessoas migrantes e/ou refugiadas da região, teve muito boa receptividade.

Por conseguinte, ao darmos sequência à proposta, realizamos o levantamento das demandas junto à essa comunidade e iniciamos os encontros pelo modo on-line.

A proposta que denominamos de Encontros Farol no Galpão – constou de uma atividade de acolhimento semanal, através de roda de conversa em grupo, com 1h30 de duração, no período noturno. Visamos a população migrante, primordialmente nas questões referentes à identidade, fortalecimento da auto estima – conforme solicitado por ela mesma –, formação de uma consciência política, do sentimento de pertença e cidadania. O cronograma incluiu ao todo 12 reuniões com frequentadores e coordenadoras do local e 17 encontros entre membros da equipe do Farol.

Interessante notar que, das 21 pessoas listadas pela organização para o projeto, 16 se inscreveram e apenas 6 nomes eram de mulheres que não compareceram a uma reunião sequer. Com isso, criamos uma percepção de que o ambiente para elas talvez se apresentasse pouco acolhedor pela dominância da presença masculina. Relatos dessa comunidade sugerem uma estrutura patriarcal acentuada entre os imigrantes haitianos. Contam que elas precisavam ficar em casa para o preparo do jantar e que eram frequentemente infantilizadas por necessitarem ser acompanhadas por seus cônjuges em consultas na UBS – Unidade Básica de Saúde do local. Essa dependência feminina era agravada pela barreira linguística, uma vez que o não falar a língua portuguesa inviabiliza o atendimento autônomo.

Embora o grupo de pessoas migrantes disponível para esses encontros estivesse mais adiantado no aprendizado da nossa língua, seguiam na comunicação através do francês, espanhol, mas sobretudo da língua crioula – de base francesa com influências africanas – o que para nós dificultava, na maioria das vezes, a compreensão do que diziam, posto se tratar de uma língua com regras gramaticais e fonológicas próprias. Apesar desse entrave, os encontros prosseguiram com poucos participantes até decidirmos conjuntamente pelo encerramento. A dificuldade que eles tinham, em sua maioria, em encontrar condições favoráveis para o acesso e uso da internet, conforme justificavam, e/ou de manter um contato virtual frequente, também foi fator considerado para o encerramento do grupo. Não obstante, os resultados indicam que as dinâmicas dos encontros foram motivadas pelo propósito de integração e expansão dos vínculos interpessoais, gerando efeitos positivos no enfrentamento das demandas psicossociais emergentes do contexto comunitário dessas pessoas.

Em 2022 foram realizadas 16 reuniões entre a equipe. Um dos objetivos foi a problematização das possibilidades de reestruturação e continuidade do trabalho na área de migrantes e refugiados*,* em época ainda pandêmica. Realizados contatos com outros profissionais atuantes no campo para possíveis parcerias. A equipe ficou reduzida à três articuladores de área do Departamento de Formação em Psicanálise e Departamento de Psicanálise*.* Assim permaneceu para também se dedicar a tecer uma elaboração do registro histórico das atividades desenvolvidas até então, no Farol.

Ao longo do ano de 2023, em 15 reuniões de periodicidade quinzenal, no modo on-line e de 1h30 de duração, nossa mini equipe seguiu com a reflexão crítica sobre os 5 anos de ações realizadas nessa área de migrantes e refugiados. Conduzimos ao final, interações com algumas outras instituições que puderam nos contar sobre o trabalho desenvolvido nesse mesmo âmbito de atenção, deixando em aberto outras possibilidades de ações. Na linha da capacitação, em 15 de abril de 2023 participamos do Seminário Territórios Clínicos na Universidade de São Paulo – ZL, evento que contou com apresentações sobre diversos temas voltados à promoção da saúde mental nas periferias: o território e as políticas públicas de saúde mental, incluindo trabalho com migrantes e refugiados do grupo Veredas Psicanálise e Imigração/USP-SP.

Farol no ACAIA

Foi em março de 2023 que iniciamos contatos diretos com a idealizadora e fundadora do Instituto ACAIA*,* Elisa Bracher*,* que nos concedeu ampla abertura para realizarmos ao longo do ano reuniões presenciais com as diretoras pedagógicas, a fim de conhecermos e entendermos melhor como se deu todo o processo de criação e desenvolvimento desse Instituto que se propõe a acolher crianças e jovens migrantes das comunidades vizinhas.

Esse Instituto é conhecido por realizar dentre outras coisas, um trabalho socioeducativo em arte e marcenaria, na chamada Oficina dos Afazeres, voltado para uma população cronicamente desalojada. Com o tempo foi ampliando o espaço até se constituir em uma escola (ateliescola Acaia) com proposta de educação integral, articulando educação, saúde e cultura, onde durante um período do dia ocorre o desenvolvimento da prática pedagógica e no contrafluxo promove diferentes atividades monitoradas, para que essas crianças possam seguir com seu desenvolvimento em ambiente protegido.

O nome inspirador atribuído a uma das atividades que muito nos sensibilizou pela sua abrangência foi Oficina dos Sentimentos, um espaço confortável para acolher crianças que estivessem com algum problema e quisessem conversar sobre os seus sentimentos.

> O modelo de atendimento psicoterápico, que chamamos de Oficina de Sentimentos, nasceu junto com o Ateliê Acaia. .... O objetivo básico é criar um espaço de escuta, onde as crianças possam expressar, por meio de brincadeiras e atividades gráficas, suas dificuldades, seus conflitos e suas angústias. Os temas de conversas surgem de questões trazidas por elas: violência, medo, sexualidade, relações familiares, limites. (*Cintra,* 2021, p. 53).

No cotidiano da biblioteca, uma cena tocante que nos chamou a atenção foi quando uma criança, que deveria ter por volta de uns quatro anos de idade, pediu para uma professora alcançar um determinado livro da estante. No momento seguinte, em um impasse com uma coleguinha, chorava e dizia que o livro era dela e que iria levar para casa. A explicação que nos deu é que na capa estava uma menina igual a ela. Era a imagem de uma criança negra como ela, inclusive de penteado maria-chiquinha (cabelos divididos ao meio e preso em dois tufos laterais, com elásticos ou fitas) tal qual ela usava. Cena de uma identificação e reconhecimento frente a um semelhante – a menina negra na capa do livro –, raramente representada até então no laço social.

Ficou em aberto a possibilidade de uma atuação conjunta com os jovens monitores, que ao terminarem seus estudos passam a desenvolver atividades dentro da própria comunidade local, que segue se beneficiando dos demais projetos proporcionados no ACAIA.

Apreender como se dá toda uma relação com e entre as comunidades vulneráveis existentes ao redor do ACAIA foi essencial para nós. De acordo com Bracher (2021), para compreender populações cronicamente desalojadas, é necessário abandonar o conforto de perspectivas consolidadas. Participar dos debates promovidos no Instituto Sedes, quando por ocasião da apresentação do seu documentário Que Língua Você Fala também foi de grande proveito. Esse documentário analisa a dinâmica da imigração, destacando as barreiras geográficas e as profundas questões identitárias enfrentadas por crianças e adultos. A obra foca nos desafios dos movimentos migratórios, com ênfase nas dificuldades do aprendizado de uma nova língua na busca por melhores condições de vida.

Foram encontros altamente ilustrativos e inspiradores para outros tantos projetos socioeducativos voltados para a população migrante.

Farol na rede

Recebemos uma proposta do Grupo de Estudos e Pesquisa Sustentar do Departamento de Psicanálise com Crianças, do próprio Sedes, para desenvolvimento de trabalhos conjunto.

O foco era estabelecer trocas de experiências, além da construção de um fluxo em rede para o encaminhamento e acolhimento de crianças e adolescentes, filhos de imigrantes que passam pelo SUS/CAPS – Centros de Atenção Psicossocial. Nesse caso, o recém criado Projeto Ponte Curumim, também desenvolvido por profissionais do Sedes, dirigido para o atendimento clínico dessa população, seguiu como a indicação mais apropriada para a demanda. A questão maior naquele momento estava em conformidade com o que argumenta Joia, J. H. (2021) em seu artigo *Infâncias Imigrantes; Silêncios e Fronteiras do Cuidado em um CAPS Infantojuvenil,* em que estabelece uma relação entre a proliferação de diagnóstico de autismo nas crianças, sem que se leve em conta a situação migratória da família estrangeira e consequentemente a dificuldade de fala do novo idioma, sobretudo em resposta a uma exigência escolar.

Sobre o Instituto Estou Refugiado, que tomamos conhecimento, trata-se de uma Organização Não Governamental (ONG) que, desde 2019, conta com a colaboração de voluntários, profissionais de Recursos Humanos, psicólogos, comunicadores e com a direção de Luciana Capobianco. Tem como foco a inserção de refugiados no mercado de trabalho. Projeto interessante que nos despertou a atenção e por isso deu-se o contato. Escutamos o relato dos serviços que desenvolvem, dentre eles o encaminhamentos de pessoas migrantes, quando necessário, para o Projeto Ponte da Clínica Psicológica do Sedes, mesmo Instituto de nossa pertinência. Fica em aberto uma outra possibilidade de atuação em algum outro nível, lembrando que a intervenção, dentro do NAS, não abarca atendimento clínico no sentido estrito.

O conjunto de todas as ações apresentadas evidencia que uma abordagem contínua de capacitação das partes envolvidas, a intervenção e o fortalecimento de redes de apoio com foco na escuta, identidade e acolhimento de pessoas migrantes e/ou refugiadas, bem como o trabalho de promoção à saúde mental de seus cuidadores – adaptados às condições sanitárias e às demandas específicas de cada período – favoreceram a criatividade dos participantes na resolução de seus conflitos.

Tivemos por meta nesse último ano de 2023, além de conhecer outros trabalhos para com essa população, convidar pessoas para se somarem ao NAS e ao Farol. Momento de transformação das instituições na medida em que, com o arrefecimento da pandemia e retomada dos trabalhos presenciais, muita gente seguiu para outros e novos projetos nas mais diversas áreas.

PANORAMA DA SAÚDE E SOCIOPOLÍTICO DO PERÍODO

Em 11 de março de 2020, a OMS declarou a COVID-19 como uma pandemia global. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2020), a crise sanitária começou com o surto inicial em Wuhan, na China, evoluindo rapidamente para uma emergência internacional em janeiro daquele ano. No continente americano, os Estados Unidos identificaram o primeiro

infectado em janeiro, enquanto o Brasil marcou o primeiro registro da doença na América Latina no final de fevereiro de 2020 (OPAS, 2020).

Tendo em vista a situação do coronavírus no país, o Sedes, onde estamos alocados, promoveu uma reunião com a Vigilância Epidemiológica da região, em 12/03/2020, para conversarmos a respeito de medidas preventivas e ações necessárias a serem tomadas de acordo com a evolução da situação.

No dia seguinte, de acordo com as medidas gerais instituídas pelo Ministério da Saúde para o enfrentamento à pandemia da coronavírus diseases 2019 (COVID-19) causada pelo SARS-CoV-2, o Sedes tomou a resolução de aderir, de imediato, a chamada quarentena e na sequência, de seguir com seus trabalhos à distância.

Rapidamente pesquisamos, em softwares, como utilizar de ferramentas para fazer chamadas em grupo e/ou reuniões através das diversas plataformas digitais. Já no mês seguinte retomávamos todas as nossas atividades pela via remota, articulando formas possíveis de intervenção com os funcionários de uma certa instituição demandante, como também com as pessoas migrantes alocadas em locais distantes da cidade de São Paulo.

O Departamento Formação em Psicanálise do Instituto divulga para os seus membros um primeiro evento on-line com o tema Psicanálise conectada: o setting em tempos de pandemia. Tornou-se possível discutir, já em 15/4/2020, várias das inquietações sobre os atendimentos nesse período em que todos os trabalhos passaram a se desenvolver de maneira remota.

Em seguida, o Departamento de Psicanálise promove um evento para 19/6/2020 sobre Como sustentar uma clínica on-line*.* Pôde-se problematizar e elaborar as questões sobre os atendimentos transcorridos através de tecnologias da comunicação como saída para a continuidade dos atendimentos clínicos e que expandimos para os demais trabalhos de assistência e desenvolvimento social.

Martínez-Vargas e Mantovani (2020) relatam, em matéria publicada no jornal *Folha de Paulo,* denúncias e relatos de imigrantes sobre a ação civil pública da Defensoria Pública da União (DPU) contra a Caixa Econômica Federal e o Banco Central. A Caixa barrou o pagamento de auxílio emergencial a essas pessoas porque o Banco exigia documentação brasileira dos estrangeiros, o que contraria a legislação. Muitos imigrantes, que perderam renda ao terem seus locais de trabalho fechados devido à quarentena, passaram por situações desesperadoras, como a perda de moradia. Angústia e depressão culminaram nesse período em que muitos se viram totalmente sem recursos, visto que sequer podiam contar com esse auxílio a que teriam direito por lei.

Outra reportagem, de Cruz e Marins (2020), denuncia novamente esse caos trazendo a seguinte manchete: "Pandemia expõe fragilidade de imigrantes sem documentos e gera pressão por regularização". Dentre as diversas dificuldades encontradas, os estrangeiros em situação irregular seguiam sem acesso à ajuda do governo. Cruz e Marins (2020) destacam um dado da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania do Município de São Paulo*,* apontando que, dos quase 12 mil imigrantes que procuraram os serviços do órgão nos últimos cinco anos, mais de 2.000 estavam em situação irregular (para.4).

Como reflexo dessa situação, a CASP teve superada a procura por cestas básicas e com isso veio a realizar uma ação pública para arrecadação em espécie a fim de seguir em frente com essa atenção às pessoas em situação de migração e refúgio. Diga-se de passagem que de igual maneira

o NAS, ao qual estamos ligados, também iniciou por volta dessa mesma época o seu Projeto de Arrecadação de Cestas Básicas destinada para a população vulnerável do seu entorno.

Os profissionais e voluntários da referida CASP tiveram de se haver com a própria impotência e ferida narcísica frente à toda uma realidade impossível de ser contida quanto aos inúmeros de imigrantes desamparados que lá buscavam socorro. Precisaram ainda, naquela época tumultuada, aprender a lidar com as dificuldades de comunicação, entre escuta e transmissão, e de manejo nas relações internas, levando em conta as diferenças pessoais no modo de agir de cada um. Isso se tornou possível após um trabalho que realizamos em conjunto, conforme já descrito.

As notícias dão conta que "em meio à pandemia de Covid-19, mundo bate recorde de 80 milhões de refugiados e deslocados" (Folha de Paulo, 2020, para. 1). O relatório da ONU aponta o coronavírus como fator agravante de "marca sombria" causada também por guerras. De acordo com a ACNUR (2020), o número de pessoas forçadas a deixar suas casas devido a perseguições, conflitos e violações de direitos humanos é estimado em mais de 80 milhões. O pedido do secretário geral da ONU para que houvesse um cessar-fogo global durante a pandemia foi ignorado pelos líderes mundiais (ACNUR, 2020).

Mais adiante, Blum (2021) aponta, em manchete da *Folha de Paulo*, um exemplo de saída inovadora: "Sem escolha, refugiados recorrem a empreendedorismo e resgatam raízes*". Segundo a autora,*

> [...] iniciativas dos próprios estrangeiros aliadas ao incentivo de instituições como a ACNUR e Sebrae, entre outras, desenvolvem trabalhos interculturais, onde de um lado migrantes e refugiados encontram formas criativas de sobrevivência e por outro lado, brasileiros conhecem a cultura estrangeira" (para. 4).

Esse gênero de notícia aponta para iniciativas independentes voltadas ao empreendedorismo. Torna-se notório e sugere o quanto é possível constatar a força e a criatividade dessa população em tentar superar as adversidades. São encontradas, por exemplo, algumas saídas de libertação de trabalhos análogos à escravidão, como o caso de costureiras bolivianas que se livram de exploração e passam a trabalhar em cooperativas, seguindo em frente num caminho potente e criativo (Casseff, 2022). Diante desse tipo de manchete, podemos dizer que o estrangeiro é um sobrevivente incansável em ação.

O fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à COVID-19 foi declarado em 05 de maio de 2023, o que não significa que a doença tenha deixado de ser uma ameaça global (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2023). A orientação atual prevê que os países realizem a transição do modo de emergência para o de manejo crônico da infecção, integrando-a ao controle das demais doenças transmissíveis (OMS. 2023).

A conjuntura da saúde, economia e sociopolítica desse período pandêmico teve consequências devastadoras para a sociedade brasileira (Fundação Oswaldo Cruz [Fiocruz], 2020). Este cenário manifestou-se, especificamente, nos altos índices de óbitos e na sobrecarga do Sistema Único de Saúde (SUS), além do comprometimento da saúde mental das população diante do confinamento e do medo da morte. O período também foi marcado pela dificuldade de acesso a bens essenciais – como alimentação, medicamentos e transporte – e pelo aumento das desigualdades sociais, que afetaram majoritariamente os grupos vulneráveis e os trabalhadores informais. Por fim, o país enfrentou uma crise econômica expressiva, caracterizada pelo fechamento de micro e pequenas empresas, pela acentuação da pobreza e por intensas tensões sociopolíticas na gestão federal da saúde (Fiocruz, 2020).

As notícias trazidas aqui tiveram o intuito de recuperar e oferecer uma noção geral de como o impacto da pandemia na saúde e na situação sociopolítica-econômica afetou em especial a população migratória, vindo a abalar a saúde mental também dos profissionais que se mantiveram no trabalho de acolhimento e assistência à essa coletividade. Conforme proclama Gebrim (2015): "E se a memória de tudo isso puder ter alguma função, que seja a de resistência" (p. 2).

Considerações Finais

Percebemos durante todo o tempo voltado para essa experiência, a necessidade e a relevância de um trabalho em rede para sustentar um lugar de socialização das pessoas migrantes. Concomitantemente, a interlocução entre departamentos, centros e núcleos dentro do Sedes mostrou-se de fundamental importância para orientar e possibilitar o acesso do migrante a direitos, cidadania, saúde e assistência social; assim como para os trabalhadores que lidam diretamente com essa população, que vieram a se beneficiar de toda uma dinâmica voltada para cuidar de quem cuida.

Os resultados obtidos indicaram que as práticas grupais potencializaram a expressão criativa dos participantes e melhoraram as condições psíquicas tanto daqueles em situação de migração e/ou refúgio quanto dos profissionais responsáveis pelo acolhimento. Conclui-se que a intervenção grupal de base analítica é eficaz para o fortalecimento institucional e o suporte psicossocial em contextos migratórios. No âmbito institucional, a intervenção promoveu a escuta e o acolhimento das equipes, prevenindo o esgotamento profissional; já para os sujeitos migrantes e/ou refugiados atuou como um espaço de elaboração de lutos e traumas associados ao processo migratório.

Ainda hoje o NAS promove, dentre diversas outras atividades, cursos breves e gratuitos de capacitação profissional, também para multiplicadores de ação e para as instituições parceiras comprometidas de igual maneira com a justiça e a transformação social.

Referências

Agier, M. (2015). *Migrações, descentramento e cosmopolitismo: Uma antropologia das fronteiras*. Ed. Unesp; EDUFAL.

Blum, B. (2021, 18 de abril). *Sem escolha refugiados recorrem a empreendedorismo e resgatam raízes. Folha de Paulo*. https://www1.folha.uol.com.br/mpme/2021/04/sem-escolha-refugiados-recorrem-a-empreendedorismo-e-resgatam-raizes.shtml

Bracher, E. (Diretora). (2017). *Que língua você fala?* [Filme]. Instituto Itaú Cultural; Biônica filmes.

Cardoso, W. (2021, 20 de junho). *Estrangeiros lutam para seguir no Brasil em meio a pandemia. Folha de Paulo*. https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/06/estrangeiros-lutam-para-seguir-no-brasil-em-meio-a-pandemia.shtml

Casse, G. (2022, 20 de dezembro). *Costureiras bolivianas se livram de exploração e criam coleção própria no Brasil. Folha de Paulo*. https://www1.folha.uol.com.br/folha-social-mais/2022/12/costureiras-bolivianas-se-livram-de-exploracao-e-criam-colecao-propria-no-brasil.shtml

Cintra, A. C. (2021). *Oficina de sentimentos: Clínica extensa e psicanálise no Ateliê. Acaia*. Appris.

Cruz, B. S. & Marins, C., (2020, 3 de setembro). *Pandemia expõe fragilidade de imigrantes sem documentos e gera pressão por regularização*. *Folha de Paulo*. https://www1.folha.uol.com.br/treinamento/2020/09/pandemia-expoe-fragilidade-de-imigrantes-sem-documentos-e-gera-pressao-por-regularizacao.shtml

Datafolha & Conectas Direitos Humanos. (2023, 7 de junho). *Opiniões sobre migrações*. https://conectas.org/noticias/recepcao-de-migrantes-no-brasil-depende-da-raca-e-da-cor-aponta-datafolha/

Emparan, L. (2025). *A Clínica psicanalítica com migrantes e o sujeito partido*. Escuta.

Folha de Paulo. (2020, 9 de dezembro). *Em meio a pandemia de Covid-19, mundo bate recorde de 80 milhões de refugiados e deslocados.* https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/em-meio-a-pandemia-de-covid-19-mundo-bate-recorde-de-80-milhoes-de-refugiados-e-deslocados.shtml

Freud, S. (1975). *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. XXIII. Moisés e o monoteísmo: Três ensaios* (J. O. A. Abreu, Trad.). Imago. (Obra original publicada em 1939)

Fundação Oswaldo Cruz. (2020). *Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia.* https://fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-políticos-da-pandemia

Gebrim, A. (2020). *Psicanálise no front - A posição do analista e as marcas do trauma na clínica com migrantes*. Juruá Editora.

Gebrim, A. (2015, 28 de maio). *Retratos de uma anunciação: a Síria antes do conflito*. *Brasil de Fato*, 12.Academia.edu.https://www.academia.edu/16281463/Retratos_de_uma_anuncia%C3%A7%C3%A3o_a_S%C3%ADria_antes_do_conflito

Joia, J. H. (2021). *Infâncias imigrantes, silêncios e fronteiras do cuidado em um CAPS infantojuveni*l. *Estilos da Clínica*, 26(1), 145-159. https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i1p145-159

Kaës, R. (2011). *Um singular plural: A psicanálise a prova do grupo*. Edições Loyola.

Mallard, S. D. S., Cremasco, M. V. F., & Metraux, J. C. (2015). *Estrangeiridade e vulnerabilidade psíquica: Algumas contribuições psicanalíticas. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *31*(1), 125–132. https://doi.org/10.1590/0102-37722015011786125132

Martínez-Vargas, I., & Mantovani, F. (2020, 7 de maio). *Caixa barra pagamento de auxílio emergencial a imigrantes. Folha de Paulo*. https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/caixa-barra-pagamento-de-auxilio-emergencial-a-imigrantes.shtml

Ministério da Justiça e Segurança Pública. (2024, 10 de outubro). *Boletim da migração no Brasil (ED.4)*. Observatório das Migrações Internacionais; Secretaria Nacional de Justiça. https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/senajus/boletim-da-migracao-no-brasil

Ministério da Saúde (2023, 5 de maio). *OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à covid-19*. Governo Federal. https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-com-ciencia/noticias/2023/outubro/a-oms-ja-suspendeu-a-vacinacao-contra-a-covid-19

Organização Pan-Americana da Saúde. (2020). *Histórico da emergência internacional de COVID-19*. https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19 [1]

Pichon-Rivière, E. (2009). *O processo grupal* (2ª ed.). WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1971).

Rosa, M. D., Binkovisk, G., Seicman, P., Gebrim, A., & Nogueira, T. (2018). *Migrando pelas veredas: A psicanálise no trabalho clínico-político com migrantes e refugiados. Travessia: Revista do Migrante,* 31(84), 35-54. https://doi.org/10.48213/travessia.i84.916

Silva, S. R. O. da, Monteiro, I. F., & Castro, C. M. de. (2021). *Da Síria ao Brasil: Dimensões culturais de mulheres imigrantes nas percepções do cuidado e assistência à gestação, parto e pós-parto*. *Ideias*, *12,* Artigo e021004. https://doi.org/10.20396/ideias.v12i00.8658527